Política

Ministério da Saúde
TCU barra aditivo de contrato da VTCLog. Pág. A12

COLUNA DO ESTADÃO

ALBERTO BOMBIG
TWITTER: @COLUNADOESTADAO
COLUNADOESTADAO@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/COLUNA-DO-ESTADAO/

'Fogo amigo' alveja Tarcísio em 1ª crise

Tarcísio Freitas viveu ao longo desta semana seu momento mais tenso no governo. Até então queridinho de bolsonaristas e apontado como pragmático na entrega de resultados até por quem não simpatiza com o presidente, o ministro da Infraestrutura virou alvo das redes ao se ver envolvido em um pepino da seara ideológica, na qual a tecnicidade tem pouca serventia. De mãos atadas, Tarcísio foi alvejado pelo fogo amigo dos irmãos caminhoneiros bolsonaristas. Foi o preço por ter subido no palanque incendiário de Bolsonaro na Av. Paulista.

» **O que é isso...** A avaliação no Planalto é de que o clima pesou sobretudo diante do desencontro de versões sobre o áudio de Bolsonaro pedindo o fim da greve.

» **...companheiro?** Enquanto Tarcísio aparecia em vídeo confirmando a autenticidade do áudio, o deputado aliado Otoni de Paula afirmava a caminhoneiros que era falso. O ministro se sentiu contrariado.

» **Ajuda.** A falta de materialidade na demanda dos caminhoneiros fez o governo correr para se prevenir em mais frentes, enquanto Tarcísio tentava driblar problemas. Desde quinta-feira, abundam vídeos nas redes com críticas ao governo.

» **Pera lá.** O Ministério da Justiça chegou a notificar distribuidores de combustíveis sobre possíveis práticas abusivas e risco de desabastecimento nos postos.

» **Efeito...** Bastante caro ao bolsonarismo, o apoio ao presidente nas redes balançou com a divulgação da nota sobre o STF, de acordo com dados da .MAP.

» **...do recuo...** O apoio ao presidente no público não militante do Facebook e Twitter, que já era baixo (14%), caiu para 11%. Entre perfis de direita, em que Bolsonaro impera, também houve queda: os 97% de apoiadores viraram 91%.

» **...nas...** Entre esses usuários, assuntos como ensino a distância, emprego e saúde mental superaram temas políticos. A greve dos caminhoneiros foi apenas o 7.º assunto mais discutido; a nota de recuo, o 13.º.

» **...redes.** Somado ao rescaldo da discussão sobre os atos de terça, 7, os temas tiveram apenas 21% de apoio entre os perfis analisados – um saldo desfavorável ao governo.

» **Perfil.** O auditor Dagoberto Lemos, que Flávio Bolsonaro quer emplacar como corregedor da Receita, recebe o que a direita chama de "bolsa ditadura" e é simpatizante do PT. Não está fácil a vida dos bolsonaristas.

» **Tropa...** Por trás das versões, a verdade é que Rodrigo Pacheco (DEM-MG) cancelou as sessões do Senado nesta semana porque foi avisado, na própria terça-feira, Sete de Setembro, que havia risco de manifestantes bolsonaristas invadirem o Congresso Nacional no dia seguinte aos atos.

» **...de choque.** Pacheco orientou o contingente da Polícia Legislativa para proteger os acessos ao prédio. O risco não se confirmou, mas a situação permanecia tensa até a quinta-feira, 9.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM MICHEL TEMER

» **CLICK. Modéstia à parte, Michel Temer não perdeu tempo e compartilhou elogios de apoiadores e imagens da ida para reunião com Bolsonaro: "Lenda. Salvou o dia".**

» **Correção.** A *Coluna* errou ao afirmar, na quinta-feira, 9, que Gael, de 5 anos, é filho de Ciro Gomes com Giselle Bezerra. Ele é filho do presidenciável do PDT com Zara Castro.

COM MATHEUS LARA. COLABOROU ELIANE CANTANHÊDE.

» **SINAIS PARTICULARES. Rodrigo Pacheco (DEM-MG),** presidente do Senado

KLEBER SALES/ESTADÃO

PRONTO, FALE!

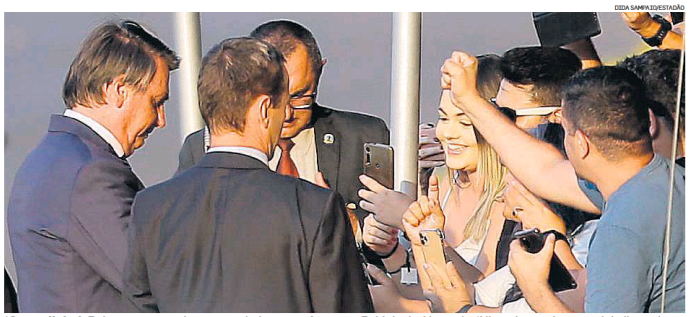
Marina Silva
Ex-ministra do Meio Ambiente

"Depois da tentativa de propina na vacina, dos danos na economia, de tanta gente com fome e de atacar ao STF, Bolsonaro quer 'conversar'. Não dá mais."

Executivo. Após forte reação à nota em que até elogia Alexandre de Moraes, presidente e seu entorno se mobilizam para emplacar discurso de que não foi recuo, mas 'estratégia'

Bolsonaro tenta conter corrosão em sua base fiel

DIDA SAMPAIO/ESTADÃO



'Cercadinho'. Bolsonaro cumprimenta apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada; 'Ninguém está recuando', disse ele

Marcelo de Moraes / BRASÍLIA

Alvo das críticas de apoiadores por divulgar nota na qual indica recuo em relação às ameaças feitas ao Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente Jair Bolsonaro e seus aliados se mobilizaram para conter o desgaste em sua base. Bolsonaro e alguns de seus apoiadores mais próximos passaram o dia usando as redes sociais e dando declarações negando que tenha havido algum recuo político depois das manifestações antidemocráticas no 7 de Setembro.

A narrativa difundida por canais e influenciadores bolsonaristas é a de que o presidente apenas adotou o que seria uma "estratégia de estadista", moderando suas falas para não prejudicar a economia, mas que isso lhe garantiria, segundo esta versão, supostas vantagens na pressão contra o Supremo.

A tática foi definida ainda na quinta-feira, em meio ao impacto político provocado pela divulgação da nota, quando seguidores do presidente o acusaram de traição. Ontem, o próprio Bolsonaro tentou amenizar as queixas afirmando que não tinha recuado. "Alguns querem que vá lá e degole todo mundo", declarou o presidente em conversa com apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada. "O que acontece? Cada um fala o que quiser. O cara não lê a nota e reclama. Leia a nota, duas, três vezes. É bem curtinha, são dez pequenos itens. Entende. Se o dólar dispara, influencia o combustível", disse ele.

Bolsonaro também justificou a preocupação com a economia para explicar por que pediu para que caminhoneiros desobstruíssem as estradas. "Você quando quer matar um verme, às vezes mata a vaca. Até domingo, se ficar parado, a gente vai sentir, mas se passar disso, complica a economia do Brasil. Ninguém está recuando. Não pode ir para o tudo ou nada."

Dois dias antes, em discurso na Avenida Paulista, Bolsonaro havia chamado o ministro Alexandre de Moraes, do STF, de "canalha" e afirmou que iria desobedecer às decisões do magistrado. As declarações levaram a uma forte reação do presidente da Corte, Luiz Fux, e de partidos de centro, que intensificaram as discussões sobre impeachment.

Bolsonaro, então, divulgou a nota na qual atribuiu as declarações ao "calor do momento" e disse que não teve "nenhuma intenção e agredir quaisquer dos Poderes". No texto, ainda elogiou Moraes. A "bandeira branca", porém, foi vista com ceticismo tanto no Supremo quanto no Congresso.

No mesmo dia, bolsonaristas já sabiam que precisavam agir rápido para tentar frear o desgaste entre os aliados. Ainda na noite de anteontem, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ), filho do presidente, foi o primeiro a indicar o tom do discurso. Publicou na sua conta do Instagram uma foto do pai com a legenda "Confiem no capitão". Em seguida, influenciadores bolsonaristas passaram a afirmar que todo o movimento, incluindo o encontro com o ex-presidente Michel Temer, que ajudou a formular a nota, fazia parte de um "plano maior".

Outro filho do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), revelou a preocupação dos aliados. "Muitas pessoas me perguntavam o que falar para a base. Minha sugestão: se não sabe o que falar, fique quieto", escreveu nas suas redes.

A manobra provocou reviravoltas no comportamento dos bolsonaristas mais críticos, que mudaram de tom e passaram a elogiar Bolsonaro. "Ele (*Bolsonaro*) está fazendo um trabalho que nunca poderia ter feito se não fossem os movimentos dos dias 7, 8, 9 e 10 de setembro. Hoje, o Brasil alcança sua liberdade de expressão. Isso está garantido neste acordo, e além disso a harmonia entre os Poderes será, a partir de hoje, lei. Nenhum poder poderá mais", afirmou o caminhoneiro Marcos Antônio Pereira Gomes, o "Zé Trovão", que é foragido da Justiça, em vídeo no qual anunciou o fim das paralisações nas estradas. Na véspera, ele criticou o pedido de Bolsonaro para cessar os bloqueios e disse que os protestos continuariam.

Militares. A ala militar do governo também foi acionada para acalmar a base. Os ministros Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria-Geral da Presidência, e Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, ambos generais, usaram as redes sociais para divulgar a versão de que não houve recuo e pedir "paciência".

Levantamentos feitos nas redes sociais mostram que a "operação abafa" montada pelo governo começou a dar resultado. Segundo monitoramento da ModalMais & AP Exata, as menções positivas a Bolsonaro ontem "recuperaram 2 pontos, devido à narrativa bem-sucedida sobre recuo estratégico de Bolsonaro". "A confiança também acompanhou o crescimento."

De acordo com análise da Bites Consultoria, "o grupo mais organizado se reestruturou e criou uma estratégia de contenção do problema que coloca Bolsonaro no papel de pacificador, não para a opinião pública, e sim para os seus seguidores". Diferentemente do que ocorreu após a saída de Sérgio Moro do governo, quando Bolsonaro perdeu cerca de 55 mil seguidores, desta vez ele ganhou 4,2 mil nos últimos dois dias. / COLABORARAM EDUARDO GAYER, SOFIA AGUIAR, CAMILA TURTELLI e LEVY TELES

● **Reunião**
Alvo de Bolsonaro, Alexandre de Moraes recebeu ontem, em sua casa, o ministro da Justiça, Anderson Torres. Em nota, Torres disse que foi uma 'conversa republicana' em nome do 'futuro das boas relações institucionais'.

ANÁLISE: *Carlos Melo*

Presidente foi obrigado a dar marcha à ré

Assim como o sapo de Guimarães Rosa, o recuo do presidente Jair Bolsonaro não foi "por bonitezа, mas por precisão". Dito isso, o recuo merece mais atenção e ponderação a respeito. Não é um recuo como tantos outros. As circunstâncias do presidente e do País mudaram nas últimas semanas. Desta vez, Bolsonaro não depende apenas de si ou da condescendência conveniente dos líderes do Centrão. Depende também de seus maiores adversários: as instituições e as leis.

Antes, é preciso limpar essa área. A sempre repetida locução de que, "apesar de tudo, as instituições estão funcionando", carece de lógica, razão e base conceitual. Asseverou o Nobel Douglass North que instituições garantem a segurança e a previsibilidade, são a base do desenvolvimento econômico e social e, para isso, se antecipam a problemas previsíveis. Tudo o que tem faltado. Funcionassem, a situação do País seria outra. Muitas instituições no Brasil – não todas – parecem divididas: em parte, ocupadas pelo bolsonarismo; em parte como trincheira de resistência aos avanços do primeiro.

Ao recuo de Bolsonaro: nos muitos casos anteriores, após avançar duas casas, o presidente apenas aparentemente cedia, recuando uma casa. Assim avançou muitas vezes se impondo ou constrangeu o tolerante ambiente institucional. Desta vez, Bolsonaro se aventurou a um salto de longa distância: quebrou a cara e, obrigado, empreendeu acelerada marcha à ré, colocando-se atrás de suas linhas.

Para ele, o saldo é bastante negativo. O 7 de Setembro não lhe garantiu um único apoio dos que o rejeitavam e fez com que perdesse o tipo de reputação que acalenta na própria base. Nas redes bolsonaristas – o verdadeiro quartel general do presidente – a humilhação partiu de desafetos e aliados. Sobrou-lhe a esfarrapada versão de "um acordo por trás".

Já o saldo institucional foi positivo, deu-se um salto na mesma proporção dos erros de Bolsonaro. Sendo assim, por que e como as instituições "também" recuariam?

Toda a defesa institucional que se fez argumentava que não eram ações pessoais, mas "império das leis" que agiam contra o presidente e sua base. Não se tratava do ímpeto de Alexandre de Moraes ou Luís Roberto Barroso, mas de posições firmes na aplicação de leis e na crença do papel das instituições, na suprema autoridade da Constituição. Preferências políticas e pessoais estariam fora de questão.

O lamentável episódio de 7 de Setembro pode se conformar como excelente oportunidade para aposentar a imagem do automóvel velho. Pode-se retirar dali a força e o desempenho de uma máquina moderna. Não convém ficar à espera do recuo do recuo de Bolsonaro.

CIENTISTA POLÍTICO, PROFESSOR DO INSPER

pressreader
PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com +1 604 278 4604
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW